

Sugestões para uma Cidade Habitar um Corpo

Vanilto Alves Freitas (Vanilton Lakka)
Programa de Pós-Graduação em Artes - UFU
Mestrando – Artes – Or. Prof. Dr. Narciso Telles
Artista da Dança

Resumo

O texto informa sobre pesquisa de mestrado realizada no PPGArtes – UFU, na qual tem como objetivo a elaboração de uma proposta de formação para o artista cênico que emerja da relação com a arquitetura das cidades. A partir da idéia/conceito *Habitar a Cidade* encontrada em Michel de Certeau explora relações entre a experiência da cidade e o impacto na formação do intérprete em Artes Cênicas.

Palavras-chave: Técnica Corporal, Educação, Arte-Cidade, Dança de Rua, Hip Hop, Le Parkour.

Vanilton Lakka¹

É perceptível na atual conjuntura da dança uma atenção especial para as suas possíveis relações com as cidades, o que fica evidente no número de criadores, oficinas, projetos, residências, festivais e até programas de Estado como editais específicos que se propõe a pensar nestas possibilidades.

Os resultados da interação entre dança e cidade, assim como corpo e cidade, tem sido inúmeros, dentre eles destacam-se propostas que apresentam uma aproximação com a Arte Conceitual via Artes Visuais com referência ao histórico da Performance Art e o Happening. Outra forma de aproximação freqüente tem sido a presença em produções de Dança Contemporânea de criadores e intérpretes com formação nos universos da cultura Hip Hop e do Le Parkour.

Por um lado a primeira forma tem sido realizada por artistas que, apesar de desenvolverem propostas de diálogo com a cidade, geralmente não possuem em sua trajetória uma formação corporal que priorize o uso do ambiente urbano. Por outro lado, a segunda corrente, apesar de ter criadores e intérpretes formados em sistemas técnicos provenientes de uma fricção maior entre corpo e cidade, estes raramente tem se interessado em propor criações que utilizem a cidade como ambiente de apresentação e desenvolvimento de seus trabalhos.

Entendendo que as discussões a respeito da temática Arte-Cidade até o momento tem se concentrado em questões de formatação de obra, ou seja,

¹ Vanilton Lakka é Mestrando em Artes no PPGArtes-UFU- MG, Bacharel em Ciências Sociais UFU – MG. Intérprete e criador em Dança mantém carreira solo e desenvolve trabalhos com colaboradores, apresentou-se e ministrou oficinas no Brasil e em países da América Latina, Europa e África.

independentemente do discurso apresentado priorizar o *produto* ou o *processo*, o fato é que nenhuma das duas perspectivas tem se mostrado interessada em questões referentes à formação do criador e intérprete em uma conexão direta com o complexo Arte-Cidade-Corpo-Dança. Esta conjuntura me levou a questões da seguinte ordem:

Considerando que a maioria dos intérpretes em Dança Contemporânea possuem formação em sistemas técnicos como o Balé Clássico, Técnicas de Dança Moderna, Contact Improvisation, Release Technique e com apoio em conhecimentos como Yoga e metodologias de Educação Somática, como este corpo irá se relacionar com a cidade? Que relações ele é capaz de propor? Qual o sistema técnico corporal seria adequado a formação de intérpretes na contemporaneidade considerando as características das produções atuais? Que contribuições a proximidade com sistemas técnicos como o B.boying e o Le Parkour podem trazer a formação do intérprete e criador?

Usos da cidade

As manifestações culturais B.boying (uma das danças que compõe a cultura Hip Hop) e o Le Parkour apresentam uma relativa proximidade no que se refere a aspectos históricos, estruturais e sociais. O Hip Hop surgiu no final da década de 60 e início de 70 nos Estados Unidos na periferia de Nova York, enquanto o Le Parkour tem seus primeiros registros na década de 80 no subúrbio de Lisses, ao sul de Paris na França. Constituem-se em culturas resultantes de movimentos de imigração, de periferias de grandes centros, com predominância juvenil, com forte presença masculina e com interação direta entre corpo e espaço sem mediação de objetos como o skate, patins ou bicicleta - como acontece em esportes radicais de cunho urbano.

As duas manifestações surgem como uma resposta/conseqüência à falta de alternativas de lazer, esporte e cultura em grandes centros, ou seja, ausência do Estado e de políticas públicas. O B.boying resulta da socialização dos jovens participantes de gangues em grandes festas de rua realizadas no Bronx e o Le Parkour da interação de jovens com características arquitetônicas do seu entorno.

Ambas as manifestações se construíram como movimentos culturais de forte relevância na contemporaneidade, e resultaram também em respostas técnico corporais para a interação entre corpo e cidade. O B.boying produziu um tipo de prática (técnica) adaptada a pequenos e quaisquer espaços onde a roda se configurava, enquanto o Le Parkour formatou mecanismos técnicos capazes de possibilitar a transposição dos obstáculos eleitos por seus praticantes na paisagem da cidade.

A tensão entre projeto e apropriação é uma constante nos escritos sobre cidade e corpo, Michel de Certeau ao distinguir espaço de lugar, afirma que “...a noção de espaço remete a uma relação singular do mundo, a dimensão existencial de um lugar habitado.” A referência ao *habitar* diz respeito a idéia de um lugar praticado o que o transforma em um espaço, pois a prática subverte o projeto, ao mesmo tempo que qualifica do espaço.

Interessa perceber que o Le Parkour e o B.boying são resultantes da organização da cidade, refletindo questões de uma arquitetura física, mas também uma arquitetura social. Dessa forma a sua elaboração se dá devido aos usos da cidade feita pelas comunidades que a gestaram, e nesse sentido é possível compreender o Le Parkour assim como o B.boying, como resultantes de formas de habitar a cidade.

Formação

A cidade molda o aparato sensorial do corpo interferindo diretamente em nossa forma de percepção do meio e como consequência, a forma de interação entre os indivíduos, determinando em grande medida o modo como ouvimos, como sentimos uns aos outros, nos tocando ou nos distanciando, além de moldar nosso tempo de reação aos estímulos.

As cidades modernas são herdeiras de uma concepção que tem nos levado a uma apatia sensorial, pois elas são fundadas em uma perspectiva que privilegia a visão em detrimento dos outros sentidos, de modo a limitar a experiência corporal de seus habitantes, sendo assim percebemos a cidade como uma passagem e não como um espaço a ser vivenciado, experimentado. “*Em geral, a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas a cada povo [...] O cidadão ateniense foi escravo da voz, assim como o romano foi escravo dos olhos.*”² Richard Sennet

Padrões corporais presentes em manifestações como o B.boying e o Le Parkour emergem de contextos marcados pela precariedade e de usos da cidade que, mesmo involuntariamente, subvertem o planejamento original do urbano, atualizando-o na prática diária do cotidiano, qualificando o projeto elaborado inicialmente por arquitetos e urbanistas.

A formação em dança reflete em grande medida a organização da sociedade e seus preceitos de aproximação entre corpo e espaço; dessa forma é compreensível que a os currículos de dança preveem a maioria de suas atividades em espaços de sala que guardam como características a inexistência de obstáculos, a simetria de paredes e ângulos assim como um chão com textura única.

² SENNET, Richard. *Carne e Pedra: O Corpo é a Cidade na Civilização Ocidental*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Pag. 377

Por fim, o modelo de espaço de formação e a maneira na qual ele é usado guarda muitos resquícios do palco italiano e o uso da cena na qual ele prevê. No entanto, a dança no último século se expandiu em várias direções e as possibilidades de encenação em espaços outros que não o palco italiano exige uma formação que traga respostas a essa demanda.

Sugestões para a cidade habitar o corpo

Atualmente realizo pesquisa no PPGArtes na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) na qual o objetivo é a elaboração de uma proposta de formação que considere a cidade como um ambiente formador. A partir da idéia/conceito *Habitar a Cidade* encontrada em Michel de Certeau, eu tenho explorado relações entre a experiência da cidade e o impacto na formação do intérprete em Artes Cênicas através da observação e reflexão dos binômios Cidade e Corpo. No entanto, não se trata de ensinar movimentos do B.boying e do Le Parkour aos alunos, mas sim de avaliar a maneira na qual as comunidades gestoras destas manifestações se relacionam com o espaço urbano.

A idéia de habitar a cidade ganhou força durante o processo de leitura e de aplicação de aulas, residências e oficinas por cidades como Fortaleza- CE, São Luiz- MA, Uberlândia- MG, Salvador- BA e Manzanillo- Cuba. O procedimento utilizado é o de vivenciar a cidade, praticar na cidade, estar na cidade, nas praças, parques e outras estruturas urbanas, enfim experienciar o urbano. Nesse sentido, tenho agido deslocando mecanismos metodológicos tais como improvisações, jogos, experimentações, e sequencias fechadas - geralmente realizadas em sala de aula - para o ambiente urbano, entendendo que a exploração de volumes, texturas, assim como obstáculos e o próprio tempo da cidade contribuirão com a construção do corpo destes intérpretes e criadores.

A compreensão de técnica corporal que sustenta a pesquisa entende que o corpo do intérprete não absorve a cidade ou o sistema técnico proposto, seja ele qual for, mas dialoga com ambos os ambientes, contribuindo com sua constante auto-organização. Portanto, não é uma relação na qual a cidade é ativa e o corpo passivo, mas sim uma relação de negociação constante entre o corpo e a cidade. E, da mesma forma, a técnica não é entendida como uma roupa que se coloca no corpo.

Objetiva-se avançar na elaboração de uma proposta de formação em que contribua para superação da relação cenográfica com a cidade, avançando na direção de um corpo que cheire, tasteie e escute o urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio "A Canoa de Papel – Tratado de Antropologia Teatral". São Paulo/Campinas: Hucitec, Ed. da Unicamp, 1994

DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997

JACQUES, P. B. "Elogio aos Errantes". In: JEUDY, H. Pierre & JACQUES, P. B. (orgs). *Corpos e Cenários Urbanos – Territórios Urbanos e Políticas Culturais*. Salvador: EDUFBA/PPGAU-UFBA, 2006.

JACQUES, P. B. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/RIOARTE, 2001.

MAFFESOLI, Michel. "Elogio da Razão Sensível". 2 ed. São Paulo: Vozes, 2003

NUNES, S. M. "O Corpo do Ator em Ação". In: *Leituras do Corpo* (Org.). AMORIM, Cláudia GREINER, Christine;. 01 ed. São Paulo: Annablume Editora e Comunicação, 2003, v. 01, p. 119-136.

SENNET, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2009;

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: O Corpo é a Cidade na Civilização Ocidental*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. "Notas sobre experiência e o saber de experiência". In: *Revista Brasileira de Educação*. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.